

ÉTICA JORNALÍSTICA FRENTE AOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA E AS MÍDIAS SOCIAIS

Nelma Camelo de Araújo

Professora do Curso de Biblioteconomia da UFAL. Doutora e Mestra em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina.

E-mail: nelmacamelo@gmail.com

Resumo: Os meios de disseminação da informação no campo jornalístico tradicionais são as publicações impressas, rádios e TVs, mas pesquisas e estudos apontam que as redes sociais e, empresas de tecnologia divulgam informações em diversos formatos, porém nem sempre essas informações são analisadas por profissionais com preceitos éticos. A publicação resenhada apresenta entrevistas com jornalistas, pesquisadores e estudiosos da área de países como Portugal, Espanha, Argentina, Estados Unidos, Alemanha, Noruega, Colômbia e África do Sul. Essas entrevistas apresentam temas sobre a ética e a produção jornalística, em novos meios e formatos de informação.

Palavras-chave: Ética Informacional. Mídia Jornalística. Comunicação de Massa.

ÉTICA, Mídia e Tecnologia: entrevistas internacionais. Florianópolis: Observatório da Ética Jornalística, 2017. 191 p. Disponível em: <<https://objethos.files.wordpress.com/2017/10/etica-midia-e-tecnologia-entrevistas-internacionais.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2017.



O livro eletrônico relata entrevistas com jornalistas renomados internacionalmente, a abordagem dessas entrevistas é de cunho ético frente aos novos meios de comunicação, especificamente aquelas disseminadas pelos profissionais do jornalismo.

Na entrevista de Nick Couldry sua posição sobre a disseminação de informações no Google e no Facebook, essas corporações estão interessadas em promover “mais tráfego” de informações, deixando aquém as questões relativas a “diversidade e a saúde do cenário jornalístico”.

Para Paul Bradshaw, conhecido como “jornalista *on line* e blogueiro” afirma que o Google e o Facebook e outras mídias “estão fazendo muito dinheiro com conteúdo, e não com notícias”, o jornalista desenvolveu uma metodologia no curso de mestrado denominada *Flipped Classroom*, possibilitando seus alunos desenvolverem seus próprios projetos jornalísticos, acreditando que a nova concepção jornalística prima pela verdade.

Carlos Camponéz é crítico ao discorrer sobre a preocupação de segmento empresarial em Portugal no que tange a ética jornalística, e sobre a participação da sociedade na discussão do assunto, o jornalista aborda os novos meios de comunicação e sua influência no fazer notícias, afirmando que o preparo desses profissionais deve estar em consonância com o mercado em nível internacional.

O jornalista e pesquisador Charles Ess autor da obra denominada *Digital Media Ethics* (2013, 2ªed.) apresenta algumas iniciativas na área da computação sobre o uso de ferramentas que venham a contribuir para a construção de meios digitais com princípios da ética das virtudes, sendo esses

projetos descritos na publicação de Shannon Vallor “*Technology and the Virtues: a Philosophical Guide to a Future Worth Wanting*” e de Sarah Speikermann, “*Ethical IT innovation: a value - based system design approach*” ambos publicados em 2016, essa visão na área jornalística possibilita a criação de “design e desenvolvimento de tecnologias da comunicação e informação” voltados para a ética das virtudes.

Para Elena Real Rodrigues a ética jornalística na Espanha está adormecida em função da “precarização do trabalho”, a jornalista questiona: “Será que toda a comunicação é jornalismo?” e afirma que, os sites que disseminam informações como sendo essas de cunho jornalístico necessitam ser avaliados, pois as empresas que mantêm informações em mídias sociais podem distorcer a realidade, sem ter um jornalista atuando na formatação da mensagem apresentada nessa mídia, e a sociedade precisa estar atenta a esse fato, cobrando uma postura ética dessas empresas.

Para Adriana Amado “Na Argentina, a imprensa está muito relacionada ao desenrolar dos movimentos políticos e a consequência disso é que se converte em sua caixa de ressonância”, porém sobre as questões éticas na prática do jornalismo apontado pela pesquisadora estão relacionados a falta de código de ética nas mídias e também nas instituições que regem as práticas do jornalismo no país, assim, o melhor caminho é a capacitação do profissional, a pesquisadora contribui nesse sentido sendo a gestora da Infocudadana, uma iniciativa que permite a publicação de “pesquisas que fazemos nas universidades, mas com uma linguagem de divulgação, e oferecemos cursos em todo o país com jornalistas e comunicadores com quem aprendemos”.

Rafael Capurro apresenta a ética informacional como sendo aquela relacionada ao jornalismo “o qual tem raízes na Antiguidade, embora seja fundamental para a Modernidade quando se torna chave para a democracia”, esse conceito de ética apresentada pelo entrevistado se relaciona com a ética digital, nesse contexto o evento ocorrido em fevereiro de 2017 na África sobre ética informacional sob a coordenação do *African Centre of Excellence for Information Ethics (ACEIE)* discutiu-se 12 tópicos relacionados a ética, mídias e disseminação de informações, o mesmo sugere que sejam criados “Centros de Excelência em Ética da Informação” semelhantes o ACEIE, destacando o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) no Brasil e a *Rede Latinoamericana de Ética da Informação (RELEI)* no México, ao final Capurro afirma que “O jornalismo como ator social precisa redefinir seu papel e sua responsabilidade neste novo contexto midiático”. Joaquim Fidalgo afirma que notícias falsas sempre existiram, mas o que não se pode permitir é que os meios de comunicação vinculem essas notícias sem fazer um crivo das mesmas, os “Fake News” atingem a credibilidade do jornalismo sério, ético e responsável, por esse motivo, os jornalistas deveriam ater-se a checar as informações que lhe são repassadas, antes da publicação das mesmas, os “back to basics”, o foco de pesquisa do professor no momento são “fenômenos de “hibridização” do jornalismo, ou seja, atividades que “parecem” jornalismo, que usam os gêneros e

as técnicas do jornalismo, que se apresentam ao público como se fossem jornalismo, mas que de fato são publicidade, ou propaganda, ou marketing, ou promoção comercial”.

A professora indiana Shakuntala Rao faz uma abordagem em sua entrevista sobre a “glocalização” que procura “entender como poderíamos problematizar práticas locais, mas sem impor um sistema de valores que poderia ser visto como estrangeiro, elitista, etc.” nesse contexto a entrevista procura fazer uma abordagem da ética global da dignidade humana, “entendendo as normas locais”, assim, é explicitado um contexto filosófico indiano o *niti* e o *nyaya* que “vêm da filosofia Hindu, que reconhece a onipresença de uma realidade última, mas permitindo múltiplas interpretações para essa realidade”, os jornalistas indianos estão adotando a filosofia *nyaya*, considerando a realidade local inserida no contexto internacional de notícias.

O entrevistado Herman Wasserman defende “uma ética de mídia que é global no seu escopo, adequada a uma mídia globalizada e a um mundo marcado por diferenças culturais, sem tornar-se imperialista ou inflexível”, o jornalista defende que os jovens devem ser incluídos nas políticas de mídias, principalmente aqueles se encontram a margem da sociedade, buscando “auxiliá-los na sua vida diária”, no seu país de origem a África do Sul, o jornalismo é considerado como um “cão-de-guarda”, mas ainda carece de ouvir a voz dos marginalizados.

Juan Carlos Suárez Villegas afirma que por meio da Federação das Associações de Jornalistas Espanhóis (FAPE), a ética na produção jornalística tem sido respeitada uma vez que a Federação conta com a “Comissão de Arbitragem, Reclamações e Ética do Jornalismo, que é independente e atua para resolver disputas entre jornalistas e cidadãos”, o entrevistado aponta que os principais dilemas éticos no jornalismo na Espanha são: “A falta de contato do jornalista com a rua, o conhecimento real dos problemas e uma superabundância informativa que o faz ser mais manipulável, [...] Outro problema é a informação instantânea levando à pressa indesejável e aos efeitos virais da notícia”, assim como no Brasil Villegas confirma que há pouco diálogo entre o profissional jornalista e a universidade.

Stephen Ward realiza sua análise sobre ética no jornalismo com uma visão holística, registrando em seu texto *Radical Media Ethics*, para o entrevistado os textos jornalísticos podem ser escritos por outros profissionais, dependendo da escrita e sua abordagem, “Então nós respondemos a questão de “quem é jornalista” deste modo: um jornalista é alguém que comete regularmente estes atos de jornalismo. Às vezes, pessoas (especialistas, políticos, advogados, cidadãos) cometerão atos de jornalismo aqui e ali, como, por exemplo, ao escrever editoriais”.

O entrevistado Carlos Maciá-Barber, afirma que: “sem ética não há jornalismo, e sequer existe comunicação, propaganda, publicidade [...]” partindo desse princípio o entrevistado apresenta o comportamento do jornalismo na Espanha, esclarecendo a sociedade sobre os abusos do poder político, porém a profissão de jornalista é a segunda menos representativa no país, ainda assim a

Universidad Carlos III de Madrid têm como objetivo “formar e conscientizar os alunos de que toda mensagem jornalística tem consequências para o bem ou para o mal”.

Na penúltima entrevista, Otilia Leitão, autora da obra “A Cláusula de Consciência: o direito dos jornalistas a dizer não” apresenta as questões éticas do profissional jornalista pautados na legislação deontológica, pois em alguns países a “Cláusula de Consciência” não foi regulamentada, essa cláusula permite que o jornalista se abstenha de realizar uma matéria, entrevista ou outro formato jornalístico quando está diretamente envolvido com as partes do conteúdo das informações prestadas, ressaltando “O jornalista profissional possui dupla condição: é um assalariado (depende da empresa), mas por outro lado goza de independência no seu trabalho noticioso. O jornalista tem o seu pensamento, o seu raciocínio e olhar diferenciado de outro e não deve consentir pressões”.

Javier Darío Restrepo afirma que o principal questionamento Iberoamericano em ética jornalística está relacionada a imagens de violência (se devem ser publicadas ou como publicá-las), sobre a disseminação de informações nas mídias sociais, o entrevistado afirma que o principal questionamento são as fontes que geraram as informações publicadas nessas mídias, “O jornalista que usa essa informação tem a obrigação de buscar outras fontes para confirmar, apesar da tendência de atribuir autoridade a estas informações”.

A obra é instigante, faz abordagens contemporâneas sobre o posicionamento dos entrevistados em relação a disseminação de informações em meio digitais ou impressos, sendo apontados questões políticas de alguns países do Continente Europeu, Africano e da América do Norte e Sul, sobre a liberdade de expressão por meio do profissional jornalista. Indicada para quem acompanha o ciclo da informação temperada pela ética.

JOURNALISTIC ETHICS AGAINST MASS MEDIA AND SOCIAL MEDIA

Abstract: *The media for disseminating information in the traditional journalistic field are printed publications, radium and TV, but research and studies show that social networks and technology companies disseminate information in different formats, but this information is not always analyzed by professionals with ethical precepts. This review presents interviews with journalists, researchers and scholars from countries such as Portugal, Spain, Argentina, the United States, Germany, Norway, Colombia and South Africa. These interviews present topics on ethics and journalistic production in new media and information formats.*

Keywords: *Information Ethics. Journalistic Media. Mass Communication.*

Originais recebidos em: 17/10/2017

Aceito para publicação em: 20/12/2017

Publicado em: 03/04/2018